

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO AGRICULTURA E AMBIENTE – IEAA  
CAMPUS VALE DO RIO MADEIRA - CVRM  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

O GÊNERO MASCULINO NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL  
NO CONTEXTO DE HUMAITÁ/AM

Humaitá-AM  
2021

JOSÉ EDILSON DE LIMA MENDONÇA

O GÊNERO MASCULINO NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL  
NO CONTEXTO DE HUMAITÁ/AM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da UFAM, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Isabel Alonso Alves

Humaitá-AM  
2021


## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M539g Mendonça, José Edilson de Lima  
O gênero masculino na docência da educação infantil no contexto de humaitá/am / José Edilson de Lima Mendonça . 2021  
43 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Maria Isabel Alonso Alves  
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Docência . 2. Gênero. 3. Educação infantil. 4. Magistério . I.  
Alves, Maria Isabel Alonso. II. Universidade Federal do Amazonas  
III. Título

  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE**  
**Campus Vale do Rio**  
**Madeira Curso de Pedagogia**

**ATA DA SESSÃO DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO  
DE PEDAGOGIA**

Ao 01 dia do mês de julho de 2021, às 14hs, reuniram-se as professoras: Dra. Maria Isabel Alonso Alves, Dra. Rozane Alonso Alves e o professor Dr. José Roberto Gomes para procederem a avaliação do trabalho intitulado: **O gênero masculino na docência da educação infantil no contexto de Humaitá/AM**, apresentado e defendido pelo acadêmico José Edilson de Lima Mendonça referente ao semestre 2020.1. Após a avaliação feita pelos professores supracitados, o aluno teve seu trabalho aprovado com nota 100.  
Nadamas havendo a tratar, eu, Dra. Maria Isabel Alonso Alves, orientadora da defesa do TCC e presidente da Banca de Avaliadores dei por encerrada a sessão.

*Maria Isabel Alonso Alves*

\_\_\_\_\_  
Dra. Maria Isabel Alonso Alves  
Presidente da Banca Examinadora/ Orientadora

*Rozane Alonso Alves*

\_\_\_\_\_  
Dra. Rozane Alonso Alves  
Primeira Examinadora

*JRG*

\_\_\_\_\_  
Dra. José Roberto Gomes  
Segundo Examinador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por ter me concedido forças para buscar sempre meus objetivos almeçados, a luta nunca foi fácil, mas como diz a canção de Renato Russo, “quem acredita sempre alcança”, estou em êxito com esta realização em meio a tantas barreiras e dificuldades encontradas no decorrer do curso, estou finalizando meu trabalho de conclusão de curso. Um parágrafo detalha apenas uma pequena porcentagem da minha felicidade. Gratidão sempre!

Agradeço aos meus pais, Antônio Carlos de Souza Mendonça e Eliana Gonzaga de Lima, mesmo tendo todas suas limitações financeira e educacional, puderam me ajudar de todas as formas possíveis no transcorrer das diversas fases da academia. Sem eles esta trajetória talvez não seria possível. Obrigado por tudo, amo vocês!! É uma honra ser filho de vocês!

Agradeço a minha orientadora Maria Isabel Alonso Alves. Sem dúvida alguma tenho medo de falar que ela fez meu pequeno mundo “acadêmico” mudasse de maneira tão significativamente. Pois me ensinou a ser forte na hora fraca, ser cauteloso, ser crítico, tornar o difícil em fácil diante de tantas situações sempre nos orientou, mesmo de forma direta ou indiretamente. Sou grato sempre! Obrigado professora por tudo. Vamos que vamos.... afinal temos artigos para publicar. Nesse tom de alegria deixo aqui minhas emoções estampadas nessas lindas (rsrsr) laudas do Word, ops!! TCC! Brincadeiras à parte, essas palavras são poucas para mensurar o tamanho de sua real importância na minha trajetória acadêmica. Obrigado sempre.

Agradeço....Aos professores que ensinaram e orientaram ao longo do curso. Muitas críticas construtivistas emergiam em cada aula. Mestres e Doutores, mostraram que é possível sim mudarmos o mundo com a educação, pois ela é um dos principais caminhos para o sucesso. No entanto, sou grato por me proporcionarem diversos momentos de aprendizagem e também ter alguns deles(as), como referência profissional. Gratidão é a palavra-chave. Obrigado.

Agradeço a minha “namorada” Keythiane Freire Ramos, por me conceder uma outra visão de mundo. Sua amizade e companheirismo foram decisivos para chegar ao término dessa pesquisa. Obrigado por estar comigo nas horas alegres e difíceis da minha vida. Ao infinito e além. Feliz por ter você comigo.

Agradeço a todos(as) meus amigos e amigas (Wesley, Ezequias, Jaqueline, Maria, Mara, Eloíza) por fazerem parte desta conquista, obrigado pelos momentos extrovertidos da vida, dentro e fora da Ufam. Grato!!

Agradeço também em especial ao meu amigo, Gino Vieira dos Santos, parceiro das diversas batalhas que enfrentamos juntos. Aprendi e aprendo muitas coisas com você. Desejo as melhores coisas possíveis para você, que nossa amizade sempre continue sólida e verdadeira. Obrigado amigo, e que venha novos desafio em nossas vidas.

Meus agradecimentos aos meus grandes incentivadores, Michelle Pessoa e André Pessoa. Quantas conversas e incentivos que me proporcionaram. Sem dúvida alguma. Sou grato a vocês. Obrigado! Por me ajudar em toda saga acadêmica. Um paragrafo é pouco para definir a importância de vocês na minha vida. Gratidão sempre!!

Gratidão à UFAM/PROEXT, por financiar parte dessa pesquisa de TCC no âmbito do projeto de PIBIC (2019/2020) em que fui bolsista.

*Dedico este TCC a Deus, e a todos meus familiares e amigos, em especial aos meus pais, o termino desta pesquisa não é somente uma vitória minha e sim nossa. Pois sempre foram meus pilares e com certeza essa vitória dedico a vocês. Como base na música da Charlie Brown Jr. “no mundo, o falso e o verdadeiro se confundem, mas os que sabem jamais se iludem. Não é fácil encontrar o caminho, mas é bom olhar para o lado e ver que não estou sozinho. que não estou sozinho [...] eu vou que vou, vou com fé vou com determinação, sangue nos olhos no caminho da evolução”. Dedico a todos(as).*

*“Para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre sexos”.*

*(Guacira L. Louro).*



## RESUMO

O presente trabalho de Conclusão de Curso é fruto de uma experiência vivenciada no estágio supervisionado na educação infantil e de um projeto de iniciação científica no âmbito do curso de licenciatura em Pedagogia da UFAM/IEAA, cujo objetivo foi verificar índices de preconceitos relacionados ao gênero masculino na educação infantil a partir das narrativas de homens (discentes e egressos) do Curso de Pedagogia do IEAA. Os sujeitos escolhidos para fazerem parte desta pesquisa foram os docentes/alunos egressos do curso de Licenciatura em Pedagogia do IEAA/UFAM e discentes do curso de pedagogia que já passaram pelo Estágio Supervisionado na Educação Infantil. Em relação ao método de pesquisa optou-se na utilização da abordagem qualitativa em educação, com ênfase nas técnicas de entrevistas narrativas, na qual também realizou-se um levantamento documental com base em informações oficiais do IEAA/UFAM sobre a quantidade alunos – homens e mulheres matriculados no Curso de Pedagogia desde a criação do curso no IEAA/UFAM. Para as discussões sobre gênero contamos com autores que abordam a temática tais como: Louro (1997, 2007), Xavier (2014), Meyer (2007; 2012) dentre outros. Sobre a inserção da mulher na educação de criança e a profissão docente no Brasil teremos como apoio Vicentini e Lugli (2009), André (2014), Nóvoa (1987), Tardif (1991) e outros que discorrem sobre o estudo. Os resultados apontam preconceitos relacionados à figura masculina na educação infantil. Nas falas identificamos que mesmo o discente tenha realizado todas as fases essenciais na academia, com leituras teóricas e atividades inerentes à formação docente, ir para o estágio acaba se tornando muito difícil. Consequentemente, por mais formado e preparado que seja esse profissional ainda vivemos no pensamento arraigados em estereótipos, onde todos os homens são vistos como perigosos e nocivos às nossas crianças. Entendemos que o receio social está ligado aos altos índices de violência sexual infantil cometidos por homens, entretanto, a maioria dos atos de violência acontecem nos âmbitos familiares, e na escola, os homens que atuam recebem formação e preparação para tal, e não podem ser “condenados” socialmente só por serem do sexo masculino.

**Palavras-chave:** Docência. Gênero. Educação Infantil. Magistério.

## ABSTRACT

This Course Completion work is the result of an experience lived in the supervised internship in early childhood education and a scientific initiation project within the scope of the degree course in Pedagogy at UFAM/IEAA, whose objective was to verify indices of prejudice related to the male gender in early childhood education from the narratives of men (students and graduates) of the IEAA Pedagogy Course. The subjects chosen to be part of this research were teachers/students from the Licentiate Degree in Pedagogy at the IEAA/UFAM and students from the pedagogy course who have already gone through the Supervised Internship in Early Childhood Education. Regarding the research method, it was chosen to use the qualitative approach in education, with emphasis on the techniques of narrative interviews, in which a documental survey was also carried out based on official information from the IEAA/UFAM on the number of students - men and women enrolled in the Pedagogy Course since the creation of the course at the IEAA/UFAM. For discussions on gender we have authors who address the issue such as: Louro (1997, 2007), Xavier (2014), Meyer (2007; 2012) among others. On the insertion of women in child education and the teaching profession in Brazil, we will have Vicentini and Lugli (2009), André (2014), Nóvoa (1987), Tardif (1991) and others who discuss the study as support. The results point to prejudices related to the male figure in early childhood education. In the speeches, we identified that even the student has performed all the essential phases in the academy, with theoretical readings and activities inherent to teacher training, going to the internship ends up becoming very difficult. Consequently, no matter how trained and prepared this professional is, we still live in our thoughts rooted in stereotypes, where all men are seen as dangerous and harmful to our children. We understand that social fear is linked to the high rates of child sexual violence committed by men, however, most acts of violence take place within the family, and at school, the men who work receive training and preparation for this, and cannot be “condemned” socially just for being male.

**Keywords:** Teaching. Gender. Child education. Magisterium.

## LISTA DE QUADRO

**Quadro 1-** Quantitativo de Mulheres e Homens no Curso de Pedagogia do IEAA (2006 a 2019/2021).....25

**Quadro 2-** Quantitativo de alunos homens egressos do curso de Pedagogia .....26

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**IEAA** -Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente

**LDB**- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**PIBIC** - Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

**TCC**- Trabalho de Conclusão de Curso

**UFAM**-Universidade Federal do Amazonas

**PCNs**- Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

1 MEMÓRIAS, APROXIMAÇÃO COM O TEMA E PESQUISA: PALAVRAS INICIAIS	14
2 O GÊNERO NA DOCÊNCIA: ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	21
3 O GÊNERO NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE DISCENTES E EGRESSOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO IEAA .....	25
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	40
REFERÊNCIAS .....	42
APÊNDICE .....	43

## **1 MEMÓRIAS, APROXIMAÇÃO COM O TEMA E PESQUISA: PALAVRAS INICIAIS**

*Não é a História e si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória. (BOSI, 2004, p. 18)*

De modo particular, trago para este excerto as motivações que impulsionaram pesquisar sobre a temática. Através de várias experiências na qual pude adquirir no transcorrer de minha formação enquanto futuro profissional da área da Educação, enfoco minhas vivências e experiências no transcorrer do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, área de atuação que tem sido alvo de estereótipos e preconceitos quanto à figura do homem na educação. O estágio acaba possibilitando o estudante da licenciatura em pedagogia a vivenciar diretamente a atuação prática do professor dentro do contexto escolar, onde o discente acaba saindo do mundo das teorias para adentrar no contexto da atuação prática, podendo assim, visualizar de perto o que vem a ser o dia a dia do professor em sala de aula.

Uma das grandes contribuições do estágio para o acadêmico, é que neste espaço físico o mesmo além de realizar as observações, também acaba desenvolvendo e aplicando um plano de ação e sua regência, vale ressaltar que o contato direto com a prática docente, nos possibilita novas experiências a respeito de como podemos atuar em nossas ações práticas pedagógicas. Além das práticas, o estágio possibilita o contato direto com a comunidade escolar, o que acaba mostrando a forma como a sociedade vê o homem na educação infantil.

Mediante as experiências no estágio supervisionado na educação infantil e as leituras realizadas em função desta pesquisa, foi possível inferir que dentro no âmbito do IEAA há uma imagem estereotipada de feminização do curso de pedagogia, ou seja, os homens que almejam se graduar em Licenciatura em Pedagogia acabam sentindo certa rejeição social em função de sua masculinidade, como se o magistério proporcionado na graduação em pedagogia não coubesse aos homens.

São estereótipos reproduzidos em algumas falas que ouço pelos corredores do IEAA: “o curso de Pedagogia só tem mulheres e homossexuais”, “quem faz pedagogia é mulher, homem faz exatas”, entre outras falas . Os alunos de sexo masculino acabam por sofrer preconceitos em seu processo de graduação fortalecendo ainda mais a ideia de que homens não podem atuar na educação Infantil.

Em relação ao Estágio Supervisionado na Educação Infantil, este é considerado um lugar de aprendizagem que possibilita ao graduando estar diretamente ligado com a prática docente, podendo assim, interligar os conteúdos teóricos produzidos na academia com o cenário prático da sala de aula.

De acordo com a Normatização do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Pedagogia do IEAA, em seu primeiro artigo considera-se que o Estágio Curricular Supervisionado deverá ser desenvolvido a partir do segundo ano do Curso de Pedagogia, integra as dimensões teóricas e práticas do currículo e articula de forma interdisciplinar os conteúdos dos núcleos: de estudos básicos, de aprofundamento e diversificação de estudos e de estudos integradores por meio de procedimentos de observação, reflexão, docência supervisionada, desenvolvimento de investigação da realidade, de atividades e de projetos (PPC do Curso de Pedagogia do IEAA, 2018).

O Estágio Supervisionado tem por objetivos oportunizar ao futuro profissional: o desenvolvimento de competências necessárias à atuação profissional na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino fundamental e na Gestão Educacional, neste sentido,

O estágio supervisionado é um espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional assim, ele é compreendido como campo de conhecimento e a ele deve ser atribuído um estatuto epistemológico indissociável da prática, concebendo-o como práxis, o que o define com uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção em questões educacionais (SILVA; GASPARI, 2018, p. 206).

Levando em consideração os apontamentos acima citados, cabe lembrar um pouco das experiências presenciadas no curso de Pedagogia e no transcorrer do Estágio Supervisionado em Educação Infantil desenvolvido em 2018/2. Logo no primeiro período no Curso de Licenciatura em Pedagogia, era possível perceber que o curso, em boa parte, tinha predominância de mulheres, conseqüentemente, a figura masculina naquela turma era quase insignificante, em termos de número.

Além de ter grande predominância de mulheres, também existiam pessoas que biologicamente são do sexo masculino, mas sua identificação de gênero era a do sexo oposto. A imagem do curso de Pedagogia criou-se ao longo de sua implementação em Humaitá, uma imagem de feminização, curso de mulheres, com estereótipos de que a pedagogia não é lugar de homens. Diante dessa situação, com minha passagem no Estágio Supervisionado na Educação Infantil, foi possível perceber que a imagem do homem é alvo de muitos preconceitos, pois experimentei na pele como foi difícil atuar nesse estágio. Minha figura

dentro da sala de aula da educação infantil, causava estranhamento não só para toda equipe da escola, como também para os próprios pais dos alunos.

Uma cena na qual ficou marcada durante esse Estágio, foi quando uma mãe perguntou para a professora da turma: “quem é esse rapaz aí professora, ele é seu ajudante, ele fica sozinho na sala de aula com as crianças?”. A pergunta foi intimidadora e constrangedora, já que minha presença naquele ambiente escolar era puramente formativa e profissional, e o fato de ser do gênero masculino naquele ambiente causava estranheza na comunidade. Isso era visível também nos olhares indagativos dos pais, que mostravam insegurança em ter um homem dentro da sala de aula aonde seus filhos estavam.

Em algumas situações não me senti à vontade durante o estágio, principalmente quando estava na sala de aula, percebia em alguns momentos, a postura de pais querendo saber a respeito de minha pessoa, e o que eu estava fazendo na sala de aula com a professora, em outras situações também eram feitas perguntas pela equipe escolar, tais como; “você tem certeza que deseja atuar mesmo com crianças? Será que você irá conseguir ingressar na Educação Infantil? Entre outras perguntas que emitiam ar de preconceito.

Um ponto que ficou extremamente marcado nesse estágio, ocorreu durante o horário recreativo; habitualmente as crianças se direcionavam até a minha pessoa na tentativa de me abraçar, brincar e conversar, situações que me deixavam constrangido, pois o ato de abraçar uma criança na educação infantil pode ser vista com “bons olhos” se a criança receber um abraço da professora/mulher, de outra forma, se o abraço da criança for acolhido pelo professor/homem, soa como maldoso e isso era algo constrangedor. Assim, eu sempre negava aos abraços das crianças devido a desconfiança do corpo escolar, dos pais e da sociedade. Concordamos com Silva (2014, p. 31) ao afirmar que,

Na sociedade atual é preocupante que ainda ocorra tantos preconceitos dentro de uma instituição que forma cidadãos, como é a escola, permitindo que profissionais capacitados sofram com atitudes e olhares preconceituosos que partem muitas vezes a partir dos próprios colegas de trabalho, levando a uma dificuldade ainda maior para esses profissionais que pretendem atuar na Educação Infantil, necessitando que tenha início ali de uma nova conduta, com a igualdade de seus profissionais como sujeitos que promovem a educação independente do sexo que possuem.

Ainda com apoio em Silva (2014), entende-se que a educação infantil, historicamente, configurou-se como um espaço feminino, no qual a figura masculina é de certo modo rejeitada, de tal maneira, isso ficou explícito principalmente durante minha presença no espaço escolar algumas vezes, além de tudo isso fica evidente quando analisei o



Projeto Político Pedagógico (PPP) na qual foi possível, constatar que, o corpo docente da escola que realizei o estágio tinha em seu quadro efetivo oito profissionais de sexo feminino que atuavam no turno vespertino sem nenhum profissional do sexo masculino, com exceção ao vigia. Por outro lado, percebemos que a cada ano aumenta o número de homens inscritos em cursos de formação de professores em nível médio, enquanto que nos cursos de Pedagogia, a quantidade de alunos homens ingressantes ainda é menos que os demais cursos de licenciatura do IEAA.

Tendo em vista as experiências formativas no estágio supervisionado na educação Infantil, bem como as leituras realizadas em função da temática, surgiu o interesse nesta investigação sobre o gênero na docência da educação infantil no contexto do município de Humaitá. Assim, elencamos os objetivos que seguem: **Objetivo Geral:** Verificar possíveis índices de preconceitos relacionados ao gênero masculino na Educação Infantil no Município de Humaitá-AM, a partir das narrativas dos alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia do IEAA/UFAM. **Objetivos Específicos:** a) Mostrar os índices de homens e mulheres matriculados no curso de pedagogia do IEAA entre 2010- 2019. Por meio de documentos oficiais disponibilizados pela coordenação acadêmica do IEAA; b) Verificar se há dentre os egressos do curso de Pedagogia, a presença de professores (homens) na educação Infantil em Humaitá-AM.

Como aporte teórico para as discussões sobre gênero, guiamos em leituras de autores que abordam a temática tais como: Louro (1997, 2007), Xavier (2014), Meyer (2007; 2012) dentre outros. Sobre a inserção da mulher na educação de crianças e a profissão docente no Brasil teremos como apoio Vicentini e Lugli (2009), André (2014), Nóvoa (1987), Tardif (1991) e outros que discorrem sobre o estudo.

Em relação a metodologia utilizada optou-se pela abordagem qualitativa em educação, com ênfase nas técnicas de entrevistas narrativas e levantamento documental a partir das informações oficiais disponibilizadas pelo IEAA/UFAM sobre a quantidade de alunos – homens e mulheres matriculados no Curso de Pedagogia desde a criação do curso no IEAA/UFAM.

A pesquisa foi realizada com base na abordagem qualitativa, utilizando levantamento bibliográfico, entrevistas narrativas e análise de documentos. A pesquisa qualitativa em educação, em sua abordagem, o pesquisador além de interligar aspectos que envolvem os meios sociais, culturais, históricos ou até mesmo antropológicos, nesta o sujeito pesquisador consegue analisar fatores que vão muito mais além do que os dados numéricos comprovam,

isto significa que ela é capaz de identificar, refletir, e analisar dados que não podem ser apenas mensurados estatisticamente. No entendimento de tais características, nesta pesquisa optou-se pela abordagem qualitativa em educação com ênfase nas técnicas de entrevistas narrativas, de acordo com Muylaert et al:

Nas entrevistas narrativas se considera que nossa memória é seletiva, lembramos daquilo que “podemos” e alguns eventos são esquecidos deliberadamente ou inconscientemente. Nessa perspectiva, o importante é o que a pessoa registrou de sua história, o que experienciou, o que é real para ela e não os fatos em si ‘passado versus história’ (2014, p. 1997).

Salienta-se que nesta pesquisa foi realizado um levantamento documental a respeito de informações oficiais que deram conta do perfil, tanto dos docentes que atuam na educação infantil do Município de Humaitá, quanto dos alunos e alunas que se encontram matriculados no curso de Pedagogia do IEAA, desde o ano da criação do Instituto, ou seja desde 2010 a 2019. Sobre a respeito da pesquisa documental, esta:

[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. [...], na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservado sem arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc (GIL, 2002, p. 46).

Contamos também com a realização de estudos bibliográficos com autores que abordam a temática trabalhada. Cabe lembrar que nesta pesquisa não foram incluídos os discentes matriculados no Curso de Pedagogia, que ainda não realizaram a disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, frisando também que todos os acadêmicos selecionados para a pesquisa são maiores de 18 anos, sendo os entrevistados mantidos no anonimato.

A pesquisa teve como sujeitos pesquisados, estudantes e egressos do curso de pedagogia do IEAA/UFAM, que aceitaram colaborar de maneira espontânea com a proposta da pesquisa e mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (submetido e aprovado no CEP sob protocolo de número CAAE: 24083319.0.0000.5020<sup>1</sup>), no qual tem a garantia do anonimato.

---

<sup>1</sup>A pesquisa está inserida no Projeto Guarda-Chuva intitulado *A produção dos sujeitos no campo das significação es da docência e do ensino nos diversos contextos de formação.*

As entrevistas foram realizadas através de um roteiro em um questionário, que foi respondido em forma de narrativa escrita pelos entrevistados. Por conta da atual situação que assola o mundo, assim como a sociedade brasileira, o estado do Amazonas e a nossa cidade de Humaitá/AM em relação a pandemia, e, portanto, atendendo à INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 001/2020 que dispõe sobre a regulamentação do trabalho remoto, excepcional e temporário, em toda a Universidade Federal do Amazonas, com exceção das atividades essenciais, por determinação da Portaria GR nº 703, de 31 de março de 2020, não foi possível entrar em contato presencialmente com as discentes da UFAM/IEAA para realização de entrevista e respectivas autorizações pessoalmente.

Assim, as entrevistas foram realizadas de forma remota através de um questionário online que foi enviado pelo endereço de e-mail utilizado como meio de comunicação mais viável, que foi respondido de maneira escrita e espontânea pelos entrevistados, que devolveram o questionário também através de e-mail.

Foram enviados para 15 colaboradores, entre egressos e discentes que já passaram pelo estágio supervisionado na educação infantil, onde apenas 6 questionários foram devolvidos com as respostas. Cabe destacar que entre os sujeitos participantes, contabilizamos 4 egressos que já atuam na área da educação, porém, nenhum na educação infantil, e dois discentes finalistas.

O trabalho está organizado por meio de quatro tópicos, na qual no primeiro 1º busco falar sobre aproximação com o tema e pesquisa: palavras iniciais, de modo particular, trago nesse excerto as motivações que impulsionaram pesquisar sobre a temática. Através de várias experiências vivenciada da qual pude adquirir no transcorrer do curso e também enfoque principalmente minhas vivências e experiências ocorridas perante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil, área de atuação que tem sido alvo de estereótipos e preconceitos quanto à figura do homem nesse contexto. Neste tópico também apresentamos o caminho da pesquisa, no qual consta o tipo de pesquisa e métodos que foram utilizados, o público alvo e também como ocorreu todo processo de sistematização de dados ao longo da pesquisa.

No segundo tópico abordamos sobre o gênero na docência: aspectos históricos da educação brasileira, onde refletimos a respeito do cenário da educação brasileira no transcorrer da história, e os preconceitos em relação a atuação da figura do homem dentro do cenário da docência da educação infantil.

Por fim, no terceiro tópico trouxemos os resultados e discursões sobre o gênero na docência da educação infantil: percepções de discentes e egressos do curso de pedagogia do IEAA e nossas considerações finais seguido das referências.

## **2 O GÊNERO NA DOCÊNCIA: ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

As questões de gênero estão presentes nas diversas situações do cotidiano e tem sido alvo de muitos debates nos dias atuais, ao pensarmos a respeito dessa temática, que ainda é, de certa forma, um paradigma a ser quebrado em determinados contexto da sociedade, pensamos principalmente dentro do âmbito educacional, local em que as questões de gêneros aparecem fortemente interligadas a atuação profissional.

No cenário da educação brasileira no transcorrer da história, foram criando preconceitos em relação a atuação da figura do homem dentro do cenário da docência da educação infantil, mesmo este sendo formado e qualificado para atuar nessa respectiva área específica de ensino, ou seja, este ainda sofre preconceito por determinados grupos da esfera social inclusive a do próprio pais de alunos.

Ressalta-se, que o Brasil foi fortemente marcado como um país de caráter patriarcal, no qual o homem era/é visto como a figura central de sua família. A figura da mulher, nesse cenário, era de submissão, no qual muitas vezes, seu papel principal dentro desse sistema patriarcal brasileiro, eram quase todos voltadas as questões domésticas, tais como: lavar, passar, cozinhar, servir ao marido e cuidar de seus filhos.

Levando em consideração essa construção histórica da polarização binária de gênero (homem x mulher) na docência, a imagem do profissional de gênero masculino dentro do âmbito da educação infantil, acaba por sofrer preconceitos, devido historicamente nosso país criarem estereótipos profissionais ao longo dos tempos, principalmente dentro do setor educacional que envolvem a figura docente de gênero masculino que almeja “atuar” na educação infantil. Assim, o foco do trabalho voltou-se a verificar os possíveis índices de preconceitos relacionados ao gênero masculino na educação infantil no município de Humaitá/AM, a partir das narrativas dos alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia do IEAA/UFAM, em especial os alunos egressos e os que já passaram pelo Estágio Supervisionado na Educação Infantil.

Cabe lembrar que as questões de Gênero estão presentes em todos os ambientes da sociedade de forma geral, porém muitas vezes o conceito de gênero ainda é confundido como apenas uma forma de fazer a distinção entre o sexo masculino e o sexo feminino. Cabe

lembrar que sexo e gênero não são a mesma coisa (LOURO, 2007). O sexo de acordo com as ciências biológicas, estão estreitamente interligados ao corpo e a biologia, sendo que esta ciência define o homem e a mulher por meio de seus órgãos reprodutores, assim, fazendo a distinção entre homem e mulher.

O conceito de gênero, este por sua vez, está fortemente interrelacionado às Ciências dos Estudos Sociais e/ou outras ligadas às Ciências Humanas, pois as construções sociais vão além do que sejam consideradas características femininas ou masculinas, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, ou seja, é uma construção social, cultural, histórica e também implica no processo de interrelações com as outras categorias como por exemplo; raça/etnia, classe, sexualidade, idade. Conforme Louro:

Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classes) que a constituem (1997, p. 23).

Podemos perceber que o próprio termo gênero no âmbito da educação nacional é somente abordado como tema transversal, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997). Os temas transversais é um conjunto proposto que envolvem as questões de (Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação sexual) ressaltando, que a abordagem desses temas não exigirá uma disciplina específica para serem trabalhadas todas essas questões, dentro do currículo escolar na qual não consegue abranger todas essas temáticas que são presentes em nosso meio social, histórico e até mesmo cultural.

Ao enfatizarmos sobre o conceito de gênero e suas implicações na sociedade, é importante trazer um breve histórico do gênero na docência, em especial no Brasil. Durante o Brasil colônia, a tentativa de colonizar os indígenas se deu primeiramente em meados de 1549, onde a companhia de Jesus que foi liderado por Manoel da Nóbrega chegou em nosso país com a intenção de catequizar, doutrinar e instruir os indígenas com um sistema educacional formulado pelo próprio Manoel de Nobrega. De acordo com a ideia de Wittmann (2008, p. 1):

A chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil, sob o comando de Manuel da Nóbrega, deu início à missão de catequização dos gentios da América. O primeiro provincial e mais cinco companheiros inacianos chegaram à Bahia, na armada do governador-geral Tomé de Sousa, em 29 de março de 1549. Após doze dias apenas, Nóbrega registra em carta seu intento de traduzir para língua brasílica algumas orações cristãs, tarefa que confessa ser árdua. Sobre o comportamento indígena diante dos rituais católicos que ouvem e veem e das aulas que têm de doutrina, ou para ler e escrever, diz o fundador da missão do Brasil.

Vale destacar que as primeiras instituições escolares durante o período de colonização no Brasil, historicamente, ficaram marcadas e tiveram inicialmente a figura do homem para ensinar, catequizar os indígenas e instruir os filhos dos colonos, pois era comum a predominância de professores do sexo masculino nas salas de aulas, a imagem da mulher nesse contexto educacional não existia. A este respeito, Louro (1997, p. 94) afirma que:

No Brasil a instituição escolar é primeiramente, masculina e religiosa. Os jesuítas, “braço espiritual da colonização”, para além das tentativas de catequização dos índios, investem, de fato, na formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes. As primeiras escolas brasileiras regidas por seis irmãos (e a grande maioria daquelas que se organizam a partir de outras ordens religiosas) constituem-se, pois, num espaço marcadamente masculino, voltado para a formação de um católico exemplar. É importante notar que esse modelo de ensino permanece no país por um longo tempo, mesmo depois de oficialmente afastado, ao final do século XVIII.

Com relação a presença da mulher nas instituições escolares, sua presença só foi possível após a expulsão dos jesuítas, Vicentini e Lugli (2009) apontam que, em consequência da reforma de Sebastião Marques de Pombal, na qual ficou extremamente conhecida como reforma pombalina, onde essa reforma além de extingui alguns colégios jesuítas também trouxe algumas mudanças significativas para o setor da educação brasileira e entre essas mudanças ou transformações foi a feminização do magistério.

De acordo com Louro (1997), o magistério durante seu processo de feminização, tomou alguns atributos na qual são tradicionalmente ligados às mulheres tais como por exemplo: a amor, a sensibilidade, o cuidado, o afeto, e entre outros. Sendo que geralmente são esses tipos de fatores que nos transcorrer da história acabam por gerar certos tipos de preconceitos ao associar a figura do professor de sexo masculino que almeja atuar dentro do campo da educação infantil. Com base na ideia de Benassi et al (2016, p.250).

A partir da metade do século XVIII, este modelo começa a mudar para um sistema que atenda às demandas advindas da revolução industrial, sendo a escola estatizada. Neste contexto de mudanças, a atuação no magistério é permitida para as mulheres. Mesmo assim [...] a mulher continua sendo vista de forma inferiorizada em relação ao homem. O magistério é tratado como um dom feminino relacionado ao emocional materno que não era bem visto em outras funções públicas. Como cabia à mulher a geração e educação dos filhos, ela deveria seguir seu dom, educando e socializando os infantes.

Vale salientar também, que a “saída do Homem do magistério” foi devido à procura de outras profissões, pois a desvalorização no setor da educação brasileira principalmente nas questões salariais e com a grande presença maciça feminina nas escolas, fez com que a imagens do homem desaparecesse ao longo da história dentro dessa específica área da

educação, sem contar que as mulheres além de aceitar o baixo salário ao qual a profissão do magistério lhe fornecia.

De acordo com Benassi et al (2016), devido o interesse do homem por outras profissões, ele passou a se afastar ainda mais da Educação Infantil, pois como “cabia” a ele a função prioritária de provedor da família. ficava a cargo do homem o papel de provedor da família, desta maneira, neste contexto era comum também o homem ganhar salários superiores em relação a mulher, enquanto os ganhos da mulher eram para complementar a renda da família, justificando assim a aceitação da mulher por salários diferenciados ou até mesmo desiguais.



### **3 O GÊNERO NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE DISCENTES E EGRESSOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO IEAA**

Primeiramente buscou-se , mostrar os índices de homens e mulheres matriculados no curso de pedagogia do IEAA por meio de documentos oficiais disponibilizados pela coordenação acadêmica do IEAA em dezembro de 2019 e atualizado em 2021 . Com base nos dados disponibilizados foi criado uma tabela como forma de sistematizarmos as informações disponibilizadas. Nos quadros que seguem encontra-se a quantidade de alunos que se matricularam desde a criação da instituição em 2006, além de indicar o quantitativo de homens e mulheres e o total de egressos de homens no curso, porém, o que está em análise nesta pesquisa, são os dados que mostram o quantitativo a partir de 2006, como antes anunciado. Os dados foram organizados em quadros que mostram um recorte temporal a cada cinco anos.

**Quadro 1-** Quantitativo de Mulheres e Homens no Curso de Pedagogia do IEAA (2006 a 2019/2021)

<b>Mulheres</b>	<b>Ano 2006/ 2010</b>	<b>Total</b>	<b>216</b>	<b>Totalizando 681 Mulheres</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Ano 2010/2015</b>	<b>Total</b>	<b>256</b>	
<b>Mulheres</b>	<b>Ano 2015/ 2019/2021</b>	<b>Total</b>	<b>209</b>	
<b>Homens</b>	<b>Ano 2006/2010</b>	<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>Totalizando 142 Homens</b>
<b>Homens</b>	<b>Ano 2010 /2015</b>	<b>Total</b>	<b>55</b>	
<b>Homens</b>	<b>Ano 2015/2019/2021</b>	<b>Total</b>	<b>55</b>	

**Fonte:** Relatório geral de matrículas (2006-2019) disponibilizado pela coordenação acadêmica do IEAA/UFAM (organizado por José Edilson de Lima Mendonça)

O quadro um (1) tem uma representatividade imensa quando pensamos no quantitativo de mulheres e homens no Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas, desde seu ano de fundação em 2006. É notório destacar que entre 2006 a 2010, houve uma grande demanda de mulheres que optaram pelo curso de Pedagogia, chegando ao total de duzentos e dezesseis (216) mulheres, enquanto que a procura do curso pelos homens foi de 32 apenas. Essa estatística cresceu ainda mais quando comparamos com os anos de 2010 a 2015, onde duzentos e cinquenta e seis (256) mulheres ingressaram no curso. Estatisticamente foram quarenta (40) mulheres a mais que no período anterior em análise (2006 a 2010) que se matricularam no curso, ou seja, em termos de número de discente por

vagas em cada período, essa diferença significa quase uma turma do curso de Pedagogia, que sempre abre 50 vagas por turma.

Somente entre os anos de 2015 a 2019, houve um declínio nesse percentual, onde foi totalizado apenas cento e noventa e cinco (195) mulheres ingressantes no Curso de Pedagogia, conforme os dados fornecidos pela Universidade. Assim, com esse quantitativo percebe-se que houve uma queda de sessenta e um (61) o número de mulheres a menos no curso, em comparação ao período de 2010 a 2015.

O quadro também aponta, que desde a fundação do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA, em 2006, até o ano de 2019, a UFAM registrou o quantitativo geral de (667) mulheres que ingressaram no Curso de Licenciatura em Pedagogia, já incluídas as que se formaram, as desistentes, transferidas e jubiladas. Ao contrário, com relação ao número daqueles que se declararam do sexo masculino no Curso de Pedagogia, os dados apontam uma grande diferença, em termos estatísticos.

Houve uma variação na quantidade de homens ingressos nos anos posteriormente, mas o quadro mostra a desigualdade na procura pelo curso, quando o assunto é a figura masculina na Licenciatura em Pedagogia, ou seja, os dados mostram que em 15 anos do instituto (2006-até 2021) o curso totalizou somente cento e quarenta e dois (142) homens, conforme os dados disponibilizados e atualizados pela coordenação do curso de pedagogia do IEAA. Ressaltamos também que nesses dados já foram incluídos os discentes ingressantes do SISU, no semestre de 2020/1, ano civil de 2021. Assim os dados mostram que o número de mulher foi de seiscentos e oitenta e um (681), uma diferença de quinhentos e trinta e nove (539) mulheres a mais que homens. Desde a criação do Instituto no 2006 até o ano vigente de 2021/1.

**Quadro 2-** Quantitativo de alunos homens egressos do curso de Pedagogia

Ingresso	Egresso/ graduado	Total	Quantitativo Total
2006	2010	6	23 Graduados
2007	2011	2	
2008	2012	2	
2008	2013	3	
2009	2013	4	
2010	2019	2	
2011	2016	2	
2011	2017	2	

**Fonte:** Relatório geral de matrículas (2006-2019) disponibilizado pela coordenação acadêmica do IEAA/UFAM (organizado por José Edilson de Lima Mendonça)

O quadro aponta que, mesmo a figura masculina tendo acesso ao curso de Pedagogia, não há uma demanda ou procura tão grande por esta Licenciatura. Ao analisarmos os dados acima constatamos que foram somente vinte e três (23) discentes/homens que se graduaram no IEAA/UFAM até o ano de 2019. Esse número é ainda mais alarmante se fossemos comparar com o quadro de ingressantes e graduadas do sexo feminino. Para chegarmos nessas conclusões foram feitas análises das informações disponibilizadas pela Coordenação Acadêmica do IEAA.

As narrativas aqui analisadas foram captadas juntos aos discentes e egressos do curso de pedagogia. Os sujeitos aqui são nomeados por C1, C2, C3, C4, C5, C6, sendo a letra 'C' para Colaborador e numeração de 1 a 6 (em ordem crescente à medida em que as respostas foram recebidas no email) para diferenciá-los, de modo que suas identidades sejam mantidas no anonimato, como orienta a ética na pesquisa. Assim, trazemos para as análises, as perguntas e suas respectivas respostas agrupadas.

**a) Questão 1 - Gostaria que falasse um pouco sobre sua vida, quem é você?**

*C1 - Tenho 28 anos, sou solteiro e não tenho filhos. Cursei pedagogia pela Ufam, no IEAA. Já sou licenciado na área.*

*C2 - Tenho 24 anos, sou solteiro, não tenho filhos. Sou um cara humilde, nasci em Ji-Paraná, RO, mas resido em Humaitá há 20 anos. Sou formado em pedagogia pela UFAM, no IEAA e atualmente estou no segundo semestre do mestrado em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do Amazonas.*

*C3- Sou concursado pela SEDUC - AM desde 2017, tenho 30 anos, sou casado e pai de dois filhos. Conclui a graduação na UFAM em 2013.*

*C4- Tenho 26 anos, atualmente solteiro, não tenho filhos, cursando Licenciatura em Pedagogia. Eu adentrei na Universidade no ano de 2014, fiquei bastante atrasado, estava previsto para agosto de 2020 a minha coleção de grau, no entanto não contávamos com essa pandemia e mais uma vez os planos tiveram que ser adiados sem data prevista para voltar as atividades na universidade.*

*C5- Tenho 30 anos, sou compromissado, ainda não tenho filhos, sou licenciado em Pedagogia, me formei na UFAM em 2017.*

*C6- Sou acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFAM/IEAA, tenho 30 anos, sou solteiro e não tenho filhos. Estou no nono período do curso, possuo certa experiência devido minha passagem e permanência pela área da educação.*

A primeira questão teve o objetivo de mostrar o perfil dos sujeitos da pesquisa. As respostas mostram que cada sujeito se narra de forma semelhante, falam de si, de sua formação. Ou seja, nessa primeira abordagem nosso intuito foi conhecermos melhor

individualmente os sujeitos envolvidos na pesquisa. Assim, identificamos suas localidades, idades, formação, instituição de formação, além de constatarmos os diferentes tempos de formação. Nota-se que alguns dos egressos são efetivamente concursados e atuam na educação, outro é mestrando e os finalistas ainda permanecem em formação acadêmica, porém já cumpriram a grade curricular do estágio supervisionado na educação infantil.

## **b) Questão 2 - Como foi ou está sendo sua formação na UFAM?**

*C1 - Foi excelente meu período de formação na instituição. Apesar de uns contratemplos, mas graças a Deus eu consegui*

*C2 -Minha formação na Ufam, durante a graduação foi deficiente, pois estavam em transição da nova proposta, já no mestrado acredito que está sendo bem proveitosa .!*

*C3 – Satisfatória, pois pude adquirir muitos conhecimentos no decorrer de minha formação*

*C4- Ao iniciar o curso, tive bastante dificuldade a me adaptar a algumas metodologias dos professores, com isso vieram algumas reprovações, perante essas dificuldades precisei acordar pra vida se eu quisesse mesmo exercer essa profissão, onde deveria correr atrás e entender o que era o curso, hoje depois de alguns períodos perdidos vejo o quão deveria ter aproveitado mais, mas posso ressaltar que os ultimos 3 períodos finais tive um aproveitando de aluno que todo professor queria ter. Hoje minha formação nao está completa, mas conhecimento que adquirir com os professores consigo exercer um bom papel dentro de sala de aula.*

*C5- Minha formação não foi nada fácil, por inúmeros motivo, além de estudar no período da tarde, ainda trabalhava no período da noite, muito desgastante pelo fato de ter família, consiliar, faculdade, emprego, família, não foi nada fácil, 24( vinte quatro) horas era pouco tempo pra um dia, muitas vezes, pensei muito em desistir. Além desses motivos tinham outros, como os contrastes da faculdade, alegria e tristeza, por que? Pelo fato das relações sociais, meu Ensinou Básico, fundamental e Médio, eu era um indivíduo muito tímido, por isso tive muita dificuldade de mim expressar tanto com os colegas, e quando também iria apresentar seminários, até mim adaptar, sofri muito, além da exclusão que ocorre muito na classe, por parte de alguns indivíduos, mais ao poucos tive que superar todas essas dificuldades, até chegar o período de formação, mim sacrifique muito até alcançar o sucesso*

*C6- Minha formação está gradativamente sendo construída com ênfase, pois em cada período aprendo algo novo na academia, com propostas de ensino diferenciado.*

Ao abordarmos sobre as questões relacionada ao processo de formação dos sujeitos no IEAA. Os entrevistados relatam suas dificuldades pessoais recorrentes à formação acadêmica, bem como àquelas voltadas para as questões educacionais de forma geral. Os sujeitos afirmam que suas bases educacionais foram repletas de fragmentações e dificuldades, o que afetou, de alguma forma, o desempenho acadêmico, visto que na academia, além de ser um ambiente que prioriza o ensino, pesquisa e extensão, também requer conhecimentos básicos

escolares, sendo que, em maioria, estes relatam certa deficiência na educação básica, o exigiu/exige um esforço a mais por parte destes colaboradores para permanecerem e concluírem a formação em pedagogia.

É importante destacar que as dificuldades consideradas na pesquisa não estão diretamente relacionadas apenas ao curso de pedagogia, mas também àquelas que os sujeitos investigados narram ter enfrentado, tais como: conciliar atividades de estudo, trabalho e família; custear os estudos (compra de apostilas, transporte e materiais), entre outros.

Os relatos dos sujeitos mostram que desde do período de ingresso até a formação, o ensino superior tem provocado reação de desestabilização na vida do aluno, não somente na vida acadêmica como principalmente nas relações interpessoais, visto que, em todo o processo de graduação, o trabalho coletivo tem sido muito frisado e utilizado pelos professores do curso.

A esse respeito, Coloun (2008) salienta que uma das maiores implicações que há no ingresso do educando no ensino superior ocorre entre as demandas da vida universitária e as da vida profissional; o autor diz que há uma ruptura entre o previsível, aquilo que os alunos faziam habitualmente e a nova vida acadêmica. No mesmo sentido, Bassoto (2014) também vem afirmar que:

O aluno que ingressa no Ensino Superior traz consigo traços culturais, econômicos e sociais que foram construídos em suas vivências e se depara com uma nova realidade que demanda outras competências e comportamentos. Para alguns, a passagem para este nível de ensino pode ocorrer de maneira tranquila, mas, para outros, podem surgir conflitos a serem superados no próprio processo educativo ao longo do curso que o aluno escolheu. Essa superação se faz necessária, caso contrário o aluno não será capaz de usufruir de seu curso encontrando dificuldades para até mesmo finalizá-lo (BASSOTO, 2014, p. 161).

As respostas mostram que, apesar de vários fatores e implicações no desenrolar de seus respectivos processos de graduação, os sujeitos usam suas subjetividades para enfrentar os diversos desafios que o mundo da educação proporciona, mesmo com os mais variados contratempos algumas respostas afirmam que a formação na UFAM, foi satisfatória, enquanto outros argumentam insatisfações individuais, ou seja, as respostas remetem a considerar que o processo de ensino aprendizagem é totalmente diferente de uma pessoa para outra, em outras palavras, o processo educativo torna-se subjetivo e heterogêneo tanto para o sujeito que ensina, como para aquele que aprende.

### **C ) Questão 3 - Como é ser do gênero masculino no curso de pedagogia?**

*C1 - Infelizmente ainda existe um certo preconceito por parte de algumas pessoas. Com algumas insinuações para tentar nos desestruturar, mas estamos conseguindo quebrar esse tabu que ainda nos rodeia.*

*C2 - É um grande desafio, pois as pessoas demonstram frequente preconceito com esse público. Na minha turma tinha 10 homens formaram, ou está formando 3 ou 4.*

*C3 - Sempre ouvi nas dependências da instituição e fora dela que o curso de pedagogia é voltado para mulheres, mas nunca me deixei influenciar por essas ideias, considero um curso importante no cenário educacional, tive 06 colegas que iniciaram o curso e apenas 02 concluíram*

*C4- Os próprio universitários tem um preconceito cravado em si com o gênero masculino no curso de Pedagogia, onde deveríamos fazer matemática, engenharia etc. Curso taxados eles para meninos. O Curso de pedagogia sofre uma desvalorização dos outros curso por arrogância por falta de conhecimento, pois, os mesmo não buscam conhecer a realidade desse curso, a história as mudanças, mas*

*que, ao se deparar com a nossa realidade suas percepções errôneas sobre nosso curso mudam e começam a entender o quão importante e nosso curso...*

*C5- É muito difícil, pelo fato de haver várias mulheres no curso, e poucos homens, mas com o tempo a gente acostuma, isso no processo de formação, mas quando passamos a ir para o período de estágio isso torna muito mais difícil, pelo fato de sermos homens, muitas vezes sofrermos preconceitos por partes de inúmeros colegas da mesma área, ou até mesmos dos pais, por conta de trabalhamos com meninas.*

*C6- Ser do gênero masculino na pedagogia vem se tornando um desafio, onde eu como ingressante passei por fases e momentos difíceis, como por exemplo saindo do espaço acadêmico, onde na própria sala de aula e nos corredores da Ufam fui questionado em vários momentos por está cursando pedagogia, partindo para os estágios percebi o grau de dificuldade e preconceito por ser do sexo masculino. esse relato é somente o começo de um relato e desabafo pessoal, pois o desafio da passagem pela academia e os estágios supervisionados nas escolas foi somente uma fase, onde o maior desafio será lecionar, onde o professor do sexo masculino sempre terá que quebrar as maiores barreiras e paradigmas.*

As respostas remetem a entender como o processo de feminização do magistério foi criando estereótipos para algumas áreas de atuação profissional/educacional. É valido lembrar que as instituições escolares são ambientes onde as diversidades culturais estão presentes. Se referindo as questões de gênero na atuação docente, cabe refletirmos se há espaços específicos na escola onde devem atuar professores homens e professores mulheres. Para entender tais questões é preciso voltar ao processo histórico de formação docente brasileiro, no qual a presença da mulher professora nas instituições escolares, só foi possível mudanças significativas para o setor da educação brasileira, que até o início do período pombalino era um espaço exclusivamente masculino, a partir de então, a mulher passou a ter espaço nos

processos de ensino escolares, passando a exercer os “dons” maternos na educação e cuidado das crianças, ocorrendo o que Vicentine e Lugli (2009) chamam de feminização do magistério.

Neste sentido, as respostas apontam que mesmo os alunos de sexo masculino tendo acesso ao curso de licenciatura em pedagogia ainda existem diversos paradigmas, a serem quebrados, sendo um deles a feminização do magistério, ou seja, mesmo com as mudanças educacionais e as temáticas que envolvem as questões de gênero, inclusive na docência, ainda persiste a ideia que homem não pode cursar pedagogia, devido a imagem dessa licenciatura estar associada aos cuidados e afetos que geralmente são associados a figura feminina, sem levar em consideração os aspectos da formação docente pelos quais esses homens foram formados.

Sem contar que nessa área do magistério (anos iniciais e educação infantil) os homens que almejam atuar são visto pelos olhares estereotipados como “sujeitos afeminados”, um fator que acaba contribuindo para gerar diversas barreiras na atuação profissional dos homens nesta área da educação escolar.

**c) Questão 4 - Você já sofreu algum tipo de preconceito relacionado à licenciatura em pedagogia por ser do gênero masculino? Se sim, qual/quais, de que forma?**

*C1 -Varias vezes fui alvo de insinuações desagradáveis, tais como: curso de papel e tesoura; curso fácil, qualquer um faz; curso pra trocar fraudas, entre outros desse nível.*

*C2 -Sim, muitos ! Já ouvir pessoas de outro curso dizer que é coisa de mulher o curso de pedagogia, outros dizem que é a licenciatura mais fácil então só os mais burro faz, que pedagogia só corta E.V.A entre outros*

*C3 -Sim, considerando que a maioria das pessoas acreditam que é um curso voltado para mulheres.*

*C4-Diretamente nunca sofri preconceito de estar no curso, mas quando perguntam qual o curso que eu faço, sempre escuto piadinhas do tipo, a o Curso que só corta papel, um homem no curso de pedagogia, esses tipos...*

*C5-Sim, não pelos colegas de classe, mas sim por outros colegas de outros cursos, que criticam muito nós dos gêneros masculino, uma das suas ideias e que,quem se forma no curso de pedagogia, só serve pra cortar EVA. O preconceito está relacionado ao nosso gênero, muitos julgam nossa escolha, do curso,por achar que, só as mulheres podem educar seus filhos.*

*C6- Sim, os preconceitos foram vários, fui questionado em vários momentos, as vezes por outros cursos e até mesmo pelo curso de pedagogia, onde surgiram as perguntas tais como : discente (A), você gosta de mulher, você tem certeza que está no curso certo? discente (B), de outro curso, se dirigia citando que pedagogia é curso para mulher e não para homem, no começo não entendia o porque dessas provocações somente depois passei a entender.*

As leituras realizadas em função desta pesquisa mostram que as Licenciaturas em pedagogias no decorrer da história educacional brasileira, têm sido associadas à figura feminina, emergindo diversos debates a respeito dessa área profissional, principalmente quando se trata de alunos homens formados neste campo e que pretendem atuar na educação infantil. Para tentarmos compreender a trajetória de alguns alunos e suas barreiras encontradas no curso, elaboramos esta pergunta com intuito de identificar os possíveis preconceitos presentes no decorrer de suas formações.

As respostas dos colaboradores mostram que há um estereótipo de gênero ligado ao curso de pedagogia quando se refere à feminização do magistério. Há certa inferiorização do curso em detrimento aos demais, já que é visto como “um curso que só corta papel”; “que só corta E.V.A”, sem levar em consideração os aspectos formativos do curso, no qual ocorre muitas leituras e inferências pedagógicas, além dos aspectos didáticos, políticos e curriculares que abrangem a educação de forma geral.

Ao descreverem estereótipos de gênero na formação superior, como “um curso de mulher”, os entrevistados apontam preconceito sofrido por serem do gênero masculino. Tais preconceitos foram sendo construídos em meio a composição da sociedade patriarcal, onde no decorrer da história foram sendo associados à mulher, o cuidado, o afeto, a educação das crianças, entre outras coisas que não são associadas à imagem do homem.

De acordo com Louro (1997), o magistério durante seu processo de feminização, tomou alguns atributos na qual são tradicionalmente ligados às mulheres tais como por exemplo: a amor, a sensibilidade, o cuidado, o afeto, e entre outros. Sendo que geralmente são esses tipos de fatores que no decorrer da história acabam por gerar certos tipos de preconceitos ao associar a figura do professor de sexo masculino que almeja atuar dentro do campo da educação infantil e em especial o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Particularmente, os sujeitos ainda apontam que os tipos de preconceitos são os mais diversos possíveis, sendo os mais comuns, o curso ser taxado de “licenciatura para mulher, curso fácil, curso que só corta papel e EVA, e entre outros termos pejorativos e preconceituoso por aqueles que não cursam esta licenciatura.

Entende-se que na sociedade atual, é alarmante e ao mesmo tempo preocupante que ainda ocorra tantos preconceitos dentro de uma instituição que forma cidadãos, como é o caso da escola e as instituições de formação docente, na qual acabam permitindo que profissionais capacitados sofram com atitudes e olhares preconceituosos que partem muitas vezes a partir dos próprios colegas de trabalho, levando a uma dificuldade ainda maior para esses futuros



profissionais que almejam cursar Licenciatura em Pedagogia e que também pretendem atuar na Educação Infantil, necessitando que tenha início, ali, de uma nova conduta, com a igualdade de seus profissionais como sujeitos que promovem a educação independente do sexo que possuam (SILVA, 2014).

**d) Questão 5 - Como você avalia a forma como a sociedade vê o homem na docência da educação infantil?**

*C1 - Certa parte da sociedade ainda ver o profissional do sexo masculino como não capacitado para o cargo, mesmo que ele tenha obtido formação na área em questão.*

*C2 -Eu vejo uma redicularidade por parte das pessoas. O preconceito já foi encucado na sociedade então jamais será bem aceito um homem trabalhando com turmas de educação infantil.*

*C3 - Vejo que a um preconceito, consideram homossexual.*

*C4-O preconceito da sociedade nessa questão, não vêm de agora isso vem desde os tempos passados onde somente professoras eram vistas dando aulas nessa área, para que isso mude é preciso que haja conhecimento entre todos...*

*C5-Não é nada fácil, atuar em escolas principalmente se tratando de educação infantil, nós deixamos os currículos e nunca fomos chamados, o modo de avaliar, é que ainda ocorre inúmeros preconceitos, por sermos homens não generalizando, mas ainda ocorre muito preconceito sobre o pedagogo, principalmente quando ele vai atuar.*

*C6- Avalio, que grande parcela da sociedade exclui o homem por ser do sexo masculino, não oferecendo as oportunidades ao mesmo, exemplo disso é a entrega de currículo, existem escolas de educação infantil que não aceitam currículo quando percebe que o professor é do sexo masculino, participei de congressos onde o tema falava justamente sobre a experiência na docência, onde o tema se voltava para o gênero masculino na sala de aula, no debate percebi o preconceito diretamente por parte de alguns participantes, alguns desses faziam perguntas tais como: você acha que estará preparado para resolver certas situações na sala de aula? essa é apenas uma colocação onde percebo algum tipo de preconceito e o pouco espaço que o professor terá que enfrentar nesse campo da educação infantil.*

A Imagem do homem no passado, sempre foi vista como a figura da qual tinha o poder central, sendo esse o detentor das decisões familiares, do saber, da força, coragem e o provedor de sua família. Essas associações ligadas a figura masculina tem gerado discussões no âmbito da nova configuração social, na qual as mulheres tem buscado ocupar lugares antes considerados masculinos. Com o passar do tempo, o movimento feminista oportunizou algumas mudanças sociais, inclusive nas atuações profissionais.

No Brasil, ainda de acordo com Louro (1997), as questões ligadas a gênero começaram a ser debatidas somente no final dos anos 80, devido aos movimentos feministas que, ao passar do tempo, começaram a utilizar o termo gênero no país. Cabe lembrar que o

movimento feminista buscava/busca por igualdade de gênero, neste sentido, consideramos que na educação escolar das crianças, inclusive na educação infantil, também deve haver espaço para os homens.

No campo educacional também não é diferente, se tratando no cenário da educação infantil, pois é comum as instituições de educação infantil não terem docentes de sexo masculino, ou seja há um determinado estereótipo ser quebrado socialmente. Se antes, na história da educação, as mulheres não ocupavam este espaço, agora a situação se inverte, já que os homens são impedidos, de certa forma, de desenvolverem suas atividades docentes na educação infantil em função da não aceitação social.

Com base nas respostas, é possível identificar que mesmo esse profissional sendo habilitado e qualificado, a sociedade ainda o vê, por ser homem na docência da educação infantil, como profissão da qual não lhe pertence. Com base nos relatos, o docente de sexo masculino que deseja atuar nessa área, tem sinônimo de estranheza, sem contar os preconceitos que este enfrenta, não somente pela equipe escolar, também principalmente pelos próprios pais de alunos, que ao se depararem com a presença masculina dentro de uma sala de educação infantil, indaga, desconfia, estranha. Assim:

O professor do sexo masculino que atua junto à crianças pequenas gera inicialmente estranheza e questionamentos no corpo docente escolar, tensões e reflexões a cerca das razões que os motivaram a ingressar nesta função, fazendo-se necessário compreender as relações estabelecidas entre eles com os demais sujeitos das instituições e como a comunidade escolar percebe e convive com a presença desses sujeitos (SILVA, 2014, p.17).

Desta forma, percebemos que profissional do sexo masculino que deseja atuar na educação infantil está marcado pelos olhares preconceituosos, que o incapacita para tais atividades docentes e que coloca sua capacidade profissional e formação docente como um fator ligado a gênero, provocando desconforto, constrangimento e outras sensações como se o mesmo fosse jugado somente pelo seu sexo e não por sua qualificação e habilitação profissional, gerando de certa forma, um leque de questionamentos a respeito de sua escolha em atuar na área da educação infantil.

**e) Questão 6 - Você acha que a universidade tem contribuído para as discussões em torno das questões de gênero que perpassam à docência na educação infantil?**

*CI - Sim, até então, porque meu próprio tema de TCC foi relacionado ao assunto de sexualidade por parte dos professores. Admito que houve muitas barreiras para a realização do mesmo.*

*C2 - Pouco discutido. Acredito que devem haver mais debates.*

*C3 -Sim, sempre contribuiu.*

*C4-Não que eu lembre, ainda não notei nenhuma feira ou debate relacionada com essa temática da qual fossem aberto ao publico sobre essas discussões.*

*C5- Contribui sim, um pouco, pelo menos enquanto eu cursei, participei de inúmeros eventos, que trabalhava sobre esse tema.*

*C6- Sim, a universidade me ofereceu vários viés, onde contribui para meu crescimento profissional, houve em minha passagem pela academia várias discussões, palestras até mesmo uma disciplina optativa voltada para o gênero, essa disciplina me fez crescer, a mesma me fez entender que devemos quebrar alguns paradigmas e tabus relacionado ao preconceito, buscando sempre o nosso espaço nas escolas, isso mostra que o gênero masculino na educação infantil pode fazer um ótimo trabalho.*

Temáticas relacionadas as questões de gêneros têm sido pouco abordadas, independentemente se é na educação básica ou no ensino superior, elas causam nessas instituições muitas vezes um “teor de desconfiança” por parte de alguns grupos. Por se tratar de algo “delicado” muitas instituições acabam deixando essas temáticas de lado. Para Leal et al. (2017) em dias atuais, ainda existe uma grande dificuldade para se trabalhar com determinados temas, principalmente quando é trabalhado em instituições de ensino, e envolvem as questões de gênero, pois o assunto muitas vezes podem ocasionar opiniões divergentes e até mesmo o risco de exposição de algum aluno. Mas na falta desses diálogos alguns impasses também podem aparecer como a indisciplina, intolerância, ou até mesmo a exclusão escolar, sem duvidas, é de suma importância saber que as instituições de ensino possuem um papel fundamental perante a questão de gênero, pois estas temáticas são latentes nestes âmbitos de formação.

Ao questionarmos os sujeitos se a universidade tem contribuído para as discussões em torno das questões de gênero que perpassam a docência na educação infantil, notou-se que o Instituto de Educação, Agricultura e Meio Ambiente(IEAA), mostrou-se atento sobre esses temas, porém ao analisarmos as respostas, também foi possível constatar que mesmo a UFAM, abordando o assunto, houve algumas recomendações e embates nas repostas.

As respostas apontam que as abordagens no IEAA ainda tem sido insuficiente, sendo necessário que o IEAA oportunize momentos de discussão e eventos relacionados a temática. Ressalta-se que devido algumas mudanças na grade curricular do curso de pedagogia, em 2018 houve a implementação da disciplina *Corpo, Gênero e Sexualidade na Escola*, de caráter optativa, que aborda conteúdos sobre o tema em questão. Esta disciplina é do Curso de Pedagogia e tem carga horária de 60h. porém, como se trata de disciplina opcional, a demanda de alunos pela procura não é a mesma comparando com uma obrigatória.

Cabe lembrar que, por ser uma disciplina nova, criada em 2018, os egressos que colaboraram nesta pesquisa não tiveram a oportunidade de se matricularem, e dos discentes finalistas, apenas um deles cumpriu os créditos da disciplina, o que justifica que nas respostas apareça certa cobrança em relação às questões de gênero na formação destes colaboradores.

**f) Questão 7 - O que você gostaria de falar a respeito de suas experiências no âmbito da formação docente (práticas de ensino e estágio supervisionado na educação infantil) ou outras?**

*C1 - Foi de grande valia para o meu aprendizado, pois, nos dias de hoje temos uma visão diferenciada a respeito do futuro do nosso Brasil, e também sabendo que podemos fazer parte desse futuro.*

*C2 - As experiências que tive na educação infantil foram sensacionais, e que se tiver oportunidade de eu trabalhar na educação infantil, realizarei meu trabalho com garra sem alimentar o preconceito que existe na sociedade .*

*C3 - Minha experiência foi muito interessante, no entanto, não tenho pretensão de lecionar na educação infantil.*

*C4 - Posso dizer que sempre fui bem recebido nos meus estágios, incluindo o de Educação infantil. Sempre busquei auxiliar os professores e aprender com eles onde eles me deram espaço para poder contribuir com eles também...*

*C5 - Minha experiência foi ótima, na Universidade aprendi muito, em vários aspectos, em várias áreas, só sou essa pessoa que sou hoje, pela oportunidade que tive na Universidade, não foi nada fácil, mas consegui vencer, e hoje devo muito, por ter esses conhecimentos que tenho hoje, pela criticidade, pela reflexão, e pela nova visão de mundo que tenho, em todas as esferas, tendo noção de direitos e deveres, quando detém os de alguns conhecimentos, só assim sabemos se defender perante esse mundo, de classes diferentes.*

*C6 - Revelo que durante essa fase pude aprender em vários momentos, que devemos passar por fases ruins para podermos refletir e nos tornarmos eficientes e profissionais em que fomos fazer na área educacional, todas essas fases que foram citadas contribuíram diretamente para minha aprendizagem, as aulas teóricas e práticas na academia se tornaram o começo para minha formação, o estágio supervisionado me mostrou o caminho certo para superar os preconceitos e dificuldades futuras na educação, as palestras, disciplinas e congressos abriram uma nova visão de mundo oferecendo várias experiências que servirá para meu futuro profissional .*

A jornada acadêmica tem infinitas possibilidades de experiências que podem levar o aluno a obter resultados tanto positivo como também negativo, no entanto, as vivências nunca será igual uma a outra, dificuldades, traumas, e barreiras são fatores que sempre estarão presente em todo contexto educacional, sem contar que as significações sociais e também as metodologias que cada professor proporciona em sala de aula, pode influenciar diretamente na personalidade de seu educando. A esse respeito, Pimenta afirma que:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque preñes de saberes válidos às necessidades da realidade[...]. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus valores, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim, como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos (PIMENTA, 1996, p. 76).

Neste sentido, na penúltima questão, elaboramos um pergunta da qual os sujeitos pudessem transcrever a respeito de suas experiências no âmbito da formação docente, as práticas de ensino e estágio supervisionado na educação infantil. Com base nos dados, foi possível identificar que a maioria dos sujeitos apontam os estágios supervisionados como um dos contribuintes essenciais em termos de proporcionar conhecimentos, pois é necessário lembrarmos que durante o processo de formação, é nos estágios que os educandos vão se identificando com sua futura profissão, assim, suas identidades profissionais vão sendo construídas no decorrer de seu processo de graduação.

Nessa construção de identidade profissional, os estágios supervisionados, é o lugar essencial para o estudante colocarem em prática todos os conhecimentos adquiridos na academia, entendemos suas complexidade, preconceitos e barreiras, ainda mais quando se trata de alunos do sexo masculino estagiário na educação infantil. Os sujeitos desta pesquisa, em suas respostas, apontam que, ao passarem pelo estágio da educação infantil, foram relativamente bem recebidos, tiveram espaço e conseguiram concluir o mesmo, porém, de forma velada, sentiram-se excluídos por serem homens.

Apesar disso, ao conhecerem este cenário na qual historicamente está associado a imagem da mulher, alguns argumentam que não pretendem atuar nessa area, devido aos maus olhares direcionados a eles, vindo por parte da equipe escolar como também dos pais, mesmo com essas barreiras e estereótipos existentes, outros afirmam que desejam sim atuar nessa área, pois estão preparados e qualificados pedagogicamente e isso os tornam capazes de ingressar nesse contexto, pois assim acreditam que essas atuações servem como forma de mostrar que a figura masculina é, sim, habilitada para atuar na educação infantil e, desta forma, os preconceitos associados a imagem do sexo masculino podem ser dissipados, pois estariam sendo “julgados” pela sua qualificação profissional e não pelo seu sexo.

**g) Questão 8 - Você sofreu preconceito por ser homem no estágio supervisionado na educação infantil?**

*C1 - Sim, muitos pais e professoras tinham um determinado receio em me aceitar na sua sala de aula, pelo fato de ser um educador infantil do sexo masculino.*

*C2 - Não! No estágio não*

*C3 – Não diretamente, mas consegui sim visualizar que a presença do homem ainda é repleta de barreiras e preconceitos na educação infantil.*

*C4- Nunca, sempre fui bem recebido, tenho amizade até hoje com as professoras na qual estagiei.*

*C5- Sim, porque ainda há um pequeno paradigma, não generalizando, mas a preconceito, por parte de alguns profissionais, que acham que os homens não tem capacidade de trabalhar na Educação Infantil.*

*C6- Sim, em vários momentos, na entrada foi difícil, pois entrei na escola com desconfiança e muito assustado, porém foi realizado várias atividades na escola durante minha permanência, onde mostrei minhas qualidades, superando assim vários obstáculos, tenho certeza da maneira que entrei na escola, não me sentir bem aos preconceitos por algumas partes, mas revelo que esse foi o melhor estágio pra mim, onde passei confiança para a escola e os pais dos alunos. Ao término do estágio me tornei uma pessoa madura, onde eu for atuar lecionando tenho certeza que irei realizar um ótimo trabalho.*

Normalmente o período de estágio é um dos momentos mais aguardado pelo discente, pois nele as teorias e ensinamentos adquiridos no transcorrer da formação serão realmente colocadas em prática, mas se tratando do discente de sexo masculino, em especial no estágio da educação infantil, esse momento é algo delicado e amedrontador.

Ao debatermos nossa última questão, elaboramos esta com intuito de verificar se os sujeitos aqui participantes foram alvos de preconceitos dentro desse cenário considerado feminino. As respostas apontam que em maioria houveram sim preconceitos relacionados à figura masculina nesse contexto. Nas falas identificamos que mesmo o discente tenha realizado todas as fases essenciais na academia, com leituras teóricas e atividades inerentes à formação docente, ir para o estágio acaba se tornando muito difícil. Sua primeira barreira é ser aceito por uma professora em sua sala, sem contar que os olhares da comunidade interna e externa, em sua maioria, são de desconfiança, visto que neste ambiente a presença masculina é sinônimo de “maldade, estranheza”. De acordo com afirmação de Silva (2014, p.16):

Esse profissional mesmo apresentando uma boa formação acadêmica dificilmente consegue trabalhar nesta área a não ser que seja através de concurso público, mesmo assim, tendo que lidar com preconceitos, tendo

que provar diariamente sua capacidade e “verdadeiras intenções” devido a estar atuando junto às crianças de pouca idade, enfrentando várias reações negativas dos pais, as críticas do corpo docente da escola, o modo como a sociedade o vê, e questões relacionadas ao cuidar e o ensinar.

As respostas além de apontarem a existência de certos tipos de preconceito, houve relatos em que essas situações não foram notadas é, o que denominamos de “preconceito velado” ou seja, é aquele que se mostra de forma implícita e não necessariamente ele vai acontecer de forma direta.

Um exemplo bem claro do preconceito velado é o quadro de funcionários dos atuantes da educação infantil, cerca de 95% por cento é formado pelo sexo feminino onde seu corpo docente praticamente é todo formado por professoras, enquanto outros cargos que ficam distante da sala de aula é formado por homens tais, como, o cargo de vigia, zelador e entre outros que são associados à figura masculina da qual podem atuar, desde que sua presença fiquem fora do contexto de sala de aula.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A sociedade em tempos modernos, necessita de menos julgamentos preconceituosos por diferentes áreas de atuação profissional, o termo “ Aquilo é para homem e aquilo é para mulher” deve ser ultrapassado, visto que a sociedade necessita ser contemplada pelo fator da democracia e da igualdade de gênero, onde os espaços profissionais sejam julgados pela qualificação profissional e não pelo sexo.

Ao pesquisar e debruçarmos sobre a temática, o gênero masculino na docência da educação infantil no contexto de Humaitá/am tentamos mostrar os possíveis índices de preconceitos relacionados ao gênero masculino na Educação Infantil no Município de Humaitá-AM, da qual essa problemática em relação à educação infantil, se deve a principal dificuldade enfrentada por esse profissional homem em consequência de uma sociedade seletista e preconceituosa.

Consequentemente, por mais formado e preparado que seja esse profissional ainda vivemos no pensamento arraigados em estereótipos, onde todos os homens são vistos como perigosos e nocivos às nossas crianças. Entendemos que o receio social está ligado aos altos índices de violência sexual infantil cometidos por homens, entretanto, a maioria dos atos de violência acontecem nos âmbitos familiares, e na escola, os homens que atuam recebem formação e preparação para tal, e não podem ser “condenados” socialmente só por serem do sexo masculino. O profissional docente, formado em pedagogia, em muitos casos é como se fossem o famoso “ bicho papão ”, muitas vezes julgado pelo seu sexo e não pela sua competência profissional. O homem formado em Licenciatura em Pedagogia pelo IEAA/UFAM está habilitado para atuar na educação infantil e não pode ser “impedido” de tal exercício pelos estereótipos sociais.

A presença de professores do sexo masculino na educação infantil é garantida constitucionalmente, a partir das inovações constituídas pela legislação educacionais da infância, no que diz respeito principalmente à educação básica, da qual se obteve a abertura de concursos públicos legitimando a presença desses profissionais sem distinção de gênero na educação Infantil, fazendo-se necessário questionarmos a não aceitação social destes profissionais na educação infantil, para assim, reduzirmos as desigualdades, barreiras, estereótipos e preconceitos inerentes ao gênero na docência da educação infantil.

Assim , experiências como essas, fez com que essa temática surgisse para debater



sobre o gênero na docência da educação infantil. Além de tudo, espera-se que esse estudo possa minimizar os preconceitos que os alunos de sexo masculino enfrentam durante todo seu processo de graduação e Estágio Supervisionado na educação infantil, na qual possa contribuir também para outros pesquisadores que desejam trabalhar pela mesma linha de pesquisa sobre o gênero na docência da educação infantil.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: **apresentação dos temas transversais, ética** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BASSOTTO, EC Furlanetto - Desafios Enfrentados Pelos Alunos de Pedagogia para Inserção no Ensino Superior. **Educação & Linguagem**, v. 17. n. 1. 223-237. jan.-jun. 2014. Disponível em : <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1043/el.v17n1p223-237>.
- COLOUN, A. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista /: Vozes, 1997.
- LEAL, Nathalia Costa et al. A questão de Gênero no Contexto Escolar. **Leopoldianum**, v. 43, n. 121, p. 10, 2017.
- MUYLAERT, J. et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. São Paulo: 2014.
- PIMENTA, Selma Garrido (1996). Formação de Professores – Saberes da docência e identidade do professor. Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v.22, n.2, p.72-79, jul/dez.
- SILVA, da. Silva Cristina. **Reflexões sobre o Professor do Sexo Masculino na Educação Infantil**, Monografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, RJ 2014.
- VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **História da Profissão Docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009, 234.
- WITTMANN, L. Tompini. A música nos Primeiros anos de Presença Jesuítica no Brasil: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. **ANPUH/SP- USP**. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

## APÊNDICE

Questionário de aplicação enviado via google formulário aos participantes da pesquisa: As narrativas de discentes e egressos do curso de pedagogia do ieaa acerca do gênero masculino na docência da educação infantil.

- 1- *Gostaria que falasse um pouco sobre sua vida, quem é você? (como se chama, sua idade, seu estado civil, se tem filhos ou não, que curso faz e em que período está matriculado na UFAM, etc...)*
- 2- *Como foi ou está sendo sua formação na UFAM?*
- 3- *Como é ser do gênero masculino no curso de pedagogia?*
- 4- *Você já sofreu algum tipo de preconceito relacionado à licenciatura em pedagogia por ser do gênero masculino? Sem sim, qual/quais, de que forma?*
- 5- *Como você avalia a forma como a sociedade vê o homem na docência da educação infantil?*
- 6- *Você acha que a universidade tem contribuído para as discussões em torno das questões de gênero que perpassam à docência na educação infantil?*
- 7- *O que você gostaria de falar a respeito de suas experiências no âmbito da formação docente (práticas de ensino e estágio supervisionado na educação infantil) ou outras?*
- 8- *Você sofreu preconceito por ser homem no estágio supervisionado na educação infantil?*